

A MATERNIDADE COMO SAÍDA EDÍPICA: CONSIDERAÇÕES SOBRE A FEMINILIDADE

THE MOTHERHOOD AS OEDIPAL WAY OUT: CONSIDERATIONS ABOUT FEMININITY

Débora Cristina da Silva Coelho¹
Adriane Wollmann²

Recebido em 10 de dezembro de 2016
Aceito em 08 de maio de 2017

RESUMO

O presente artigo propõe uma discussão sobre a feminilidade na obra freudiana a partir dos Complexos de Édipo e de Castração em um tornar-se mulher enquanto correlativo à maternidade. A questão que se pretende responder versa sobre as implicações de se pensar a proposta de Freud, da noção de feminilidade atrelada à maternidade, na atualidade. O artigo se pauta em uma revisão bibliográfica de cunho qualitativo que tem como base a leitura da teoria freudiana sobre o tema, articulada com as ideias de psicanalistas contemporâneos. Em um primeiro momento, apresenta-se a noção de constituição da feminilidade em Freud a partir dos Complexos de Édipo e de Castração. Considera-se que, tendo como ponto de partida o Complexo de Castração e a percepção da diferença sexual, a menina inicia o percurso para tornar-se mulher. Em um segundo momento o trabalho apresenta interpolações feitas sobre as problemáticas implícitas nesta teoria. Avaliam-se as teses traçadas por Freud sobre a feminilidade como tributárias da concepção do feminino elaborada na modernidade como pertencente ao espaço doméstico e ao cuidado com os filhos. Com as mudanças no campo social, as mulheres passam a pleitear o seu lugar social no campo do trabalho e, com o advento dos métodos contraceptivos, a maternidade passa a ser uma opção. Novas possibilidades são inscritas no campo do desejo e permitidos à mulher, contrapondo a equivalência descrita por Freud entre maternidade e feminilidade, permitindo que esta seja exercida de maneira livre. Conclui-se que, ao falar da feminilidade em Freud, não é a visão de feminino que está sendo colocada em xeque, mas sim de uma construção sócio-histórica da posição feminina que se modificou.

DESCRITORES: feminilidade; maternidade; psicanálise.

ABSTRACT

The present article proposes a discussion about femininity in the Freudian work from the Oedipus complex and Castration complex in a becoming a woman as a correlative to motherhood. The question to be answered is the implications of thinking about Freud's proposal, of the notion of femininity tied to motherhood, at the present time. The article is based on a bibliographic review of a qualitative nature based on the reading of the Freudian theory on the theme, articulated with the ideas of contemporary psychoanalysts. At first moment, the notion of constitution of the femininity in Freud is presented as from the Oedipus and Castration Complexes. It is considered that, starting with the Castration Complex and the perception of sexual difference, the girl begins the journey to become a woman. In a second moment, the work presents interpolations made on the problems implicit in this theory. The theses drawn by Freud about femininity are tributary of the conception elaborate about feminine in modernity as belonging to the domestic space and to the care of the children. With the changes in the social field, women begin to plead their social place in the field of work and with the advent of contraceptive methods motherhood becomes an option. New possibilities are inscribed in the field of desire and allowed to the woman, opposing the equivalence described by Freud between motherhood and femininity, allowing it to be exercised in freedom. It concludes that in speaking of femininity in Freud, it is not the vision about feminine that is being put into question, but a social-historical construction of the feminine position that has been changed.

DESCRIPTORS: femininity; motherhood; psychoanalysis.

¹Autora, egressa do Curso de Psicologia do Centro Universitário Autônomo do Brasil – UniBrasil. E-mail: debora.silvacoelho@hotmail.com.

²Orientadora, psicóloga pela Universidade Tuiuti do Paraná (1996), especialista em saúde mental, psicopatologia e psicanálise pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (2006).

INTRODUÇÃO

A temática do feminino vem sendo constantemente abordada de forma calorosa nos mais diversos debates. Não obstante, foi tema da redação do Exame Nacional do Ensino Médio de 2015 e de questões relacionadas à personalidade de Simone de Beauvoir que, com sua obra literária “O Segundo Sexo”, de 1949, marcou as lutas feministas da contemporaneidade ⁽¹⁾. Programas de televisão têm se debruçado em discutir o feminino e as consequências da diferença sexual: campanhas são lançadas visando o empoderamento feminino, o ramo da publicidade, propaganda, marketing, bem como o nicho de produtos destinados às mulheres também têm buscado se adequar e contribuir às lutas por equidade e contra as formas de exclusão da mulher no contexto social.

A revolução feminista, vista como um dos movimentos mais importantes do século XX, mais do que debater em um âmbito político, impôs e continua impondo mudanças significativas tanto na cultura quanto nas relações que a permeiam, demandando novas reflexões sobre a questão das diferenças entre os sexos, exigindo assim que mudanças ocorram no cotidiano ⁽¹⁾.

Ao pensar uma abordagem psicanalítica atual, que considere as mudanças que ocorreram na sociedade e na cultura sobre a questão da diferença sexual, deve-se partir de uma crítica – ou se tratando do próprio campo psicanalítico, de uma autocrítica – com relação ao modelo constituinte da diferença sexual para a psicanálise. A revisão de tais conceitos se faz necessária não apenas sob um viés político e ético, mas, antes de tudo, por uma necessidade teórica ⁽¹⁾.

O presente artigo propõe uma discussão sobre a feminilidade na obra freudiana. Para Freud, a questão da feminilidade sempre foi problemática e a psicanálise teria como preocupação mais o processo constitutivo da menina em mulher do que a descrição e desvelo do enigma do que era o feminino. Foi sobre essa prerrogativa que Freud (1923, 1924, 1925, 1931, 1933) postulou a teorização sobre a feminilidade a partir dos Complexos de Édipo e de Castração em um “tornar-se mulher” e se aventurou em explicar como, a partir de suas construções psíquicas, a menina poderia chegar a exercer o seu papel social: a maternidade.

A questão que se pretende responder é: quais seriam as implicações de se pensar a proposta de Freud, da noção de feminilidade correlativa à maternidade, na atualidade? Para tanto, objetiva-se investigar o contexto em que a noção freudiana de feminilidade foi constituída, levantando questões problemáticas em sua teoria bem como discutir suas implicações atualmente.

O artigo se pauta em uma revisão bibliográfica de cunho qualitativo que tem como base a leitura da teoria freudiana sobre o tema, articulado com as ideias de psicanalistas contemporâneos como Àran (2000, 2003), Birman (1999, 2007), Kehl (1996, 1998), Neri (2005) e Nunes (2000, 2011) que, ao revisitarem a teoria freudiana, procuram manter o que tem de atemporal no seu pensamento, ao mesmo tempo que desenvolvem críticas em torno da problemática teórica perpassada pela historicidade. Como critérios para a pesquisa, a escolha literária de utilizar os textos freudianos se deu a partir do entendimento de que a articulação entre feminino/feminilidade, psicanálise e contemporaneidade é um campo amplo e denso e para compreendê-lo é necessário um estudo preliminar. Seguindo a proposta de Lacan ⁽²⁾, de fazer um retorno a Freud, priorizou-se uma atitude reflexiva sobre sua obra em detrimento das postulações posteriores que atribuem novas conceituações sobre o tema.

DESENVOLVIMENTO

2.1. O Complexo de Édipo como Base da Feminilidade

A perspectiva freudiana sobre a feminilidade ocupou um lugar de hesitante definição, sendo considerada por Freud como um enigma ⁽³⁾ imerso por obscuridades ⁽⁴⁾, mas que ocupa um lugar, em certa medida, central nos seus estudos. Isso pode ser observado no início do seu trabalho e na inauguração do método psicanalítico, uma vez que é a partir dos Estudos sobre a Histeria e seu interesse em desvendar a neurose como patologia prioritariamente pertencente ao sexo feminino que Freud dá voz às mulheres, permitindo o deslocamento destas do discurso médico – que as marcava pelo viés da simulação, mentira e teatralidade –, para o reconhecimento de suas afecções como verdadeiros sofrimentos psíquicos ⁽⁵⁾.

É na passagem do século XIX para o XX que o discurso psicanalítico emerge, segundo Neri ⁽⁶⁾, como um discurso contrário à racionalidade filosófica de sua época, estreando uma nova concepção do feminino pautado sob duas perspectivas: pronunciado a partir do discurso das mulheres e constituído a partir do feminino enquanto interrogação primeira do seu instrumento teórico ⁽⁶⁾.

Conferindo certo paradoxo na solução do enigma da feminilidade sob a égide psicológica e biológica da sua época, Freud ⁽⁷⁾ anuncia que diante da essência peculiar da psicanálise, esta não procuraria descrever o que é ser mulher, mas sim, que o empenho empregado era o de se indagar como a menina, dotada de uma disposição bissexual se desenvolve e se forma mulher. Tal processo de desenvolvimento é pautado no

desenvolvimento sexual da criança que possui sua base na formulação freudiana sobre o Complexo de Édipo ⁽⁷⁾.

Durante suas observações, Freud - no Rascunho N ⁽⁸⁾ e na Carta 64 ⁽⁹⁾ dirigida à Fliess - ao analisar os sentimentos hostis que as crianças dirigiam aos pais, percebeu que os meninos normalmente os orientavam para o pai e a menina para a mãe e que estes eram acompanhados de sentimentos de paixão pelo parente do sexo oposto, confessando ter encontrado nele mesmo impulsos carinhosos que se dirigiam à sua mãe e hostis com relação ao pai ⁽⁹⁾.

O Complexo de Édipo possui como base o mito de Édipo Rei, de Sófocles. No mito, Édipo, sem saber que Jocasta é sua mãe, mata o seu pai e casa-se com ela. Quando a verdade familiar é descoberta, Édipo cega a si mesmo e Jocasta se suicida. Freud utiliza o mito como analogia para os desejos de amor e ódio voltados para os pais ⁽¹⁰⁾.

No menino o Complexo de Édipo encontraria a sua estruturação a partir da constatação de seu desejo pela mãe e sua rivalidade pelo pai. Freud postulou que o menino tem como objeto de amor a mãe e o pai como objeto de identificação até que o perceba como empecilho para a realização do seu desejo, voltando-se contra ele com a finalidade de eliminá-lo e tomar o seu lugar junto à mãe ⁽¹¹⁾.

Freud ⁽¹²⁾ elaborou o Complexo de Castração como o responsável pela supressão do Complexo de Édipo no menino. Para o autor, o menino possui grande interesse em seu órgão genital e manipula-o com frequência sendo constantemente repreendido por tal ato sob a ameaça de ser castrado. É diante da visão dos órgãos genitais femininos que o menino entende a castração do seu pênis como possível e passa a temer sua perda. Diante da eminente perda, o menino se vê frente a um conflito: ou mantém seu investimento libidinal nos objetos parentais sob a pena de perder o seu objeto de prazer, ou preserva o seu interesse narcísico. Diante deste conflito, a criança opta por manter o pênis e o seu ego vira as costas para o Complexo de Édipo ⁽¹³⁾.

Durante muito tempo, Freud tomou como base para as suas investigações o desenvolvimento sexual do menino supondo que nas meninas o processo deveria ser semelhante, diferenciando-os em poucos aspectos. Porém, com o desenvolvimento da sua teoria, pôde identificar a complexidade e as diferenças no que dizia respeito ao desenvolvimento sexual da menina e abandonar o paralelismo entre o desenvolvimento sexual feminino e masculino ⁽¹¹⁾.

Enquanto diferenças, Freud ⁽³⁾ destacou alguns aspectos na passagem do Complexo de Édipo das meninas. Para ele, tanto no menino quanto na menina, a mãe é o objeto de amor original e, enquanto no menino este objeto é mantido durante todo o Complexo de Édipo, na

menina é necessário que ocorra uma troca de objeto, da mãe para o pai. Outra implicação é que, diferentemente dos meninos, que possuem apenas uma zona sexual, o pênis, as meninas possuem duas, o clitóris e a vagina. Freud ⁽³⁾ então atribuiu à vida sexual da menina duas fases: a primeira entendida como uma fase masculina, em que há a primazia do clitóris que funcionaria de modo análogo ao pênis, e a segunda especificamente feminina, em que a vagina passaria a fazer função de zona sexual ⁽³⁾.

Para Freud, o caminho do Complexo de Édipo na menina é acrescido então de duas etapas a mais do que o do menino, sendo estas: a mudança de objeto da mãe para o pai e a mudança de zona sexual, do clitóris para a vagina ⁽¹¹⁾. Para Freud a menina passa por um longo período pré-histórico edipiano, o qual teria como função prepará-la para o Complexo de Édipo. Nesse cenário, o Complexo de Édipo ocorreria de maneira secundária a esse período e o Complexo de Castração teria por função enredar este caminho ⁽¹¹⁾.

O caminho inicial para o Complexo de Édipo na menina transcorre quando esta, ao se deparar com o pênis de um colega ou de um irmão “notavelmente visível e de grandes proporções”, o identifica como superior ao seu próprio órgão “pequeno e imperceptível” (FREUD, 1925, p. 280). A menina percebe que saiu perdendo e se torna vítima da inveja do pênis. É ao se deparar com a sua falta, ou seja, a partir do Complexo de Castração, que a menina é introduzida no Complexo de Édipo ⁽¹¹⁾.

A vivência do Complexo de Castração encontra a sua fundamentação na constatação de Freud ⁽¹²⁾ de que as crianças desconheciam a distinção anatômica sexual que divide homens e mulheres, ou seja, ao constatar a diferença anatômica, as crianças não perceberiam esta como dois órgãos distintos, mas se baseariam na percepção de presença e ausência do pênis. O que estaria em jogo para as crianças não seria a primazia dos órgãos genitais, ou seja, do pênis sobre a vagina, mas sim a falta/ausência deste, que Freud ⁽¹²⁾ denominou como a primazia do falo. Nesse sentido, as crianças se dividiriam entre ter ou não o pênis, ser ou não castrado. A menina, então, diante da visão do órgão masculino, se perceberia castrada e a partir desta constatação passaria a se desenvolver psiquicamente ⁽¹²⁾.

Para Freud ⁽⁷⁾ seria a partir do Complexo de Castração que o processo de afastamento da mãe, enquanto objeto de amor, se tornaria possível. Longe de ser simples, tal afastamento implicaria sentimentos de forte hostilidade contra a mãe, responsabilizando-a por sua falta tão evidente e não a perdendo por ter lhe trazido ao mundo tão desaparelhada e em desvantagem. Os efeitos do Complexo de Castração se diferem muito na menina uma vez que, ao reconhecer a castração como efetiva, esta reconheceria também a “superioridade do homem e sua própria inferioridade” e se rebelaria “contra esse estado de coisas indesejável”

(FREUD, 1931, p.237). Freud ⁽³⁾ considerou que diante da sua castração e, como maneira de lutar contra ela, se abririam três linhas de desenvolvimento possíveis. Na primeira, a menina ao perceber a diferença anatômica cresceria insatisfeita com o seu clitóris e, ao se deparar com a sua inferioridade, abandonaria a sua atividade fálica de masturbação clitoriana. Esse abandono corresponderia ao abandono da sua própria sexualidade ⁽³⁾.

A segunda possibilidade de desenvolvimento diz respeito à esperança ainda mantida pela menina de ter um pênis. Segundo Freud ⁽¹³⁾, por algum tempo ainda a menina se consolaria com a expectativa de que mais tarde, quando ficasse mais velha, o seu pequeno pênis poderia crescer e vir a ser tão grande quanto o do menino. Uma consequência desta esperança é o que Freud ⁽¹³⁾ chamou de complexo de masculinidade. Para ele, tal caminho colocaria empecilhos no desenvolvimento sexual normal que rumaria à feminilidade se apresentando em atitudes estranhas, ou ao que Freud ⁽¹¹⁾ chamou de “rejeição”, no qual futuramente quando adulta, poderia dar início a uma psicose. Freud ⁽¹¹⁾ afirma que, ao se recusar em aceitar a sua castração e insistir na ideia de que realmente possuiria um pênis, a menina seria compelida a comportar-se como se fosse um homem, podendo inclusive ser levada a uma escolha de objeto homossexual ⁽¹¹⁾.

A terceira hipótese possível de desenvolvimento diz respeito ao alcance da sexualidade feminina entendida como normal, na qual a menina tomaria o pai como objeto de escolha amorosa, encontrando assim a forma feminina do Complexo de Édipo ⁽³⁾. Essa possibilidade para Freud ⁽¹¹⁾ era considerada como a mais importante, pois era capaz de explicar concomitantemente as problemáticas referidas como a troca de objeto e a troca de zona sexual. Freud ⁽¹¹⁾ sugeriu que a masturbação clitoriana, enquanto uma atividade masculinizada, deveria ser abandonada como uma condição necessária para o desenvolvimento da feminilidade. Frente ao Complexo de Castração e à percepção de sua falta fálica, a menina desenvolveria um sentimento narcísico de humilhação que, ligado à inveja do pênis, a forçaria a se afastar da masculinidade enquanto atividade masturbatória e seria conduzida no caminho do desenvolvimento da feminilidade ⁽¹¹⁾.

Freud ⁽¹²⁾ afirmou que a menina aceitaria a sua castração como um fato consumado, porém não renunciaria a ideia de ter um pênis, “ela o viu, sabe que não tem e quer tê-lo” (FREUD, 1925, p. 281). Seria aceitando a sua falta que a menina faria uma equivalência simbólica, na qual ter um pênis/falo seria equivalente a ter um filho e, seria com essa finalidade, que a menina, segundo Freud ⁽¹¹⁾, se voltaria para o pai, detentor do pênis, tomando-o então como objeto e dirigindo sua hostilidade à mãe. Nesse momento culminaria o

Complexo de Édipo da menina e “a menina transformou-se em uma pequena mulher” (FREUD, 1925, p. 284).

A menina abandonaria o Complexo de Édipo na medida em que o seu desejo de ganhar do pai um bebê não fosse realizado. Porém, manter-se-ia no inconsciente desta menina tanto o desejo de ter um pênis quanto a equivalência ao desejo de ter um filho, os quais Freud denominou como condições necessárias para o preparo da mulher ao seu papel: a maternidade ⁽¹³⁾.

Tendo como prerrogativa o Complexo de Castração e a percepção da diferença sexual, o percurso para tornar-se mulher em Freud ^(3,7,11), longe de uma simples linearidade, é complexo e tortuoso para a menina, implicando desde antes do seu trajeto particularidades próprias. Diante da constatação de sua falta, a menina se decepciona com a mãe e volta-se para o pai na esperança de ter o pênis que lhe foi negado. Deve-se superar a inveja do pênis, renunciar ao seu desejo de tê-lo e substituí-lo pelo desejo de ter um filho, tomando assim o pai como objeto de amor. Além da mudança de objeto, esta deve mudar também sua zona erógena, deslocando do clitóris para a vagina a sua satisfação sexual. Ademais, a equivalência simbólica efetuada entre pênis-falo-filho, é uma prerrogativa da maternidade, considerada por Freud a função social da mulher “par excellence” (FREUD, 1933, p. 115).

2.2. Implicações na Maternidade como Saída para a Feminilidade Normal

As teses traçadas por Freud sobre a feminilidade e sua sexualidade são tributárias da concepção do feminino elaborada na modernidade europeia que marcou as sociedades ocidentais. O pensamento freudiano, então, deve ser analisado também a partir de um pressuposto histórico ⁽⁶⁾.

Neri ⁽⁶⁾ explica que até meados do século XVIII predominava o modelo monista sexual, o qual preconizava um único sexo, o masculino, dotado de potencialidades culturais, morais, intelectuais e afetivas, enquanto o feminino era considerado como um masculino inferior, que era desprovido destes potenciais. Após a introdução do pensamento iluminista e a Revolução Francesa, o conceito de diferença sexual foi instituído sob a égide de uma visão biológica e cientificista ⁽⁶⁾.

A partir da premissa da diferença sexual, novos questionamentos foram levantados sobre a mulher na sociedade. Assim como a biologia fora usada para dar corporeidade à mulher, esta também foi utilizada para justificar o seu papel social. Na época então, foi entendido que, por ter o aparato da reprodução, a mulher deveria exercer como função a maternidade e o cuidado do lar ⁽⁶⁾. Àran compreende que esta visão naturalizada da mulher

também foi utilizada como justificativa para estabelecer a inferioridade da mulher perante o homem marcada pelo modelo essencialista da época ⁽¹⁾.

Para Nunes ⁽¹⁴⁾, apesar do pensamento freudiano não corresponder essencialmente ao modelo da diferença sexual nem ao modelo monista, uma vez que considerava a sexualidade como fruto de processos psíquicos, tais paradigmas podem ser observados em suas ideias. Ao elaborar a noção de fantasia infantil, na qual somente um órgão é levado em consideração, o pênis, pressupõe um ideário monista de diferenciação entre os sexos e, ao introduzir as noções de masculinidade e feminilidade como atreladas à atividade e passividade, bem como a de papéis sociais inscreve-se em uma visão iluminista ⁽¹⁴⁾.

Neri ao falar sobre o modelo essencialista que surgiu na modernidade, utiliza como representante a obra de Jean-Jaques Rousseau, *Emílio Ou Da Educação*, que “concebe o feminino como uma essência que se define por funções orgânicas específicas, e para o qual a mulher não seria nem inferior nem imperfeita, mas perfeita em sua especificidade” (NERI, 2005, p.72). À mulher, então, foram atribuídas características naturais, biológicas e espirituais que condiziam com o espaço doméstico e a maternidade. Esse modelo justificava o espaço doméstico da mulher não como uma determinação social de inferioridade, mas sim como um destino determinado biologicamente pela natureza ⁽⁶⁾.

O desenvolvimento dos Complexos de Édipo e de Castração marcam o percurso freudiano que, instaurando a noção de desenvolvimento sexual de origem psíquica, desconstrói a ideia naturalista e essencialista predominantes da época. Neri ⁽⁶⁾ acrescenta que ao indicar três consequências possíveis para o Complexo de Édipo na menina, Freud assinala a construção psíquica do desenvolvimento sexual. Porém, paradoxalmente, ao sustentar a maternidade como normal, colocando os outros destinos como desvios negativos e patológicos, Freud coloca a mulher novamente sob a ótica naturalista ⁽⁶⁾.

Birman ⁽¹⁵⁾ irá destacar também a noção de família nuclear presente no pensamento da modernidade como premissa do pensamento de Freud. O autor explica que durante o século XVIII mudanças significativas ocorreram na ordem familiar. De uma família extensa – que englobava avós, tios, primos, casal parental e filhos, bem como demais agregados – para uma família mais privada, que separou os pais e as crianças em cômodos privados e instituiu uma nova ordem familiar, composta apenas pelo casal parental e seus filhos ⁽¹⁵⁾.

Dentro do espaço privado do lar, a mulher foi reduzida à condição de mãe. Birman ⁽¹⁵⁾ destaca que a mulher foi incumbida de tarefas como a administração da casa e a gestão da saúde e educação das crianças, enquanto ao pai as características de autoridade e provedor se

sobressaltavam. À mãe coube o cuidado com a casa e os filhos, ao pai, a autoridade dentro da casa e o exercício público ⁽¹⁵⁾.

Ao elaborar a concepção da sexualidade feminina tendo a maternidade como único destino desejável e normal para as mulheres, Freud reforça a assimilação da feminilidade à maternidade e, com isso, reforça também o pertencimento da mulher ao campo privado/lar e às tarefas do cuidado com as crianças ⁽¹⁶⁾. Freud descreveria o caminho da feminilidade tal qual uma espécie de vocação libidinal para a maternidade .

Outro exemplo da influência do modelo essencialista na visão freudiana pode ser observado nas suas postulações a respeito do superego. Freud ⁽¹¹⁾ ao postular o superego como herdeiro do Complexo de Édipo e afirmar a identificação e introjeção da autoridade do pai como núcleo desse, institui como características prioritariamente masculinas as funções morais e sociais. Em contrapartida, por não haver concretamente algo que permita a dissolução edípica, bem como a sua sobressalente inveja do pênis, na menina o seu superego não seria tão bem desenvolvido e, como consequência, alguns traços de caráter (ou falta) lhe são atribuídos. Freud ^(7,11) enumera tais características como: menor senso de justiça, menor aptidão frente às exigências da vida, certo comprometimento emocional, debilidade nos interesses sociais, menor capacidade de sublimar seus instintos, alto grau de narcisismo e vaidade (decorrentes da percepção da sua inferioridade fálica) e sentimentos como vergonha e ciúme (consequentes da inveja do pênis). Freud fez observações também sobre a pouca contribuição de mulheres para as descobertas e invenções, porém destaca a técnica do tecer e trançar como criações femininas consideradas análogas à necessidade de cobrirem sua castração ⁽⁷⁾.

Kehl pontua que, de acordo com a teoria freudiana, se o menino herda as características sociais e morais, a menina herdará, em um cenário muito positivo, a feminilidade enquanto promessa de um dia receber o falo na figura de um filho, ou seja, a maternidade ⁽¹⁷⁾.

No que diz respeito às próprias postulações freudianas sobre a feminilidade, Kehl ⁽¹⁸⁾ aponta como controversa a analogia da feminilidade com a maternidade. Segundo argumenta, todo o processo penoso e complexo que a menina percorre para tornar-se mulher, não passaria de um truque, uma vez que não levariam a menina a uma desistência fálica, ou a um encontro posterior com ele, mas sim a um adiamento dessa posse através do filho. A posição feminina seria então “um sacrifício temporário oferecido pela mulher freudiana ao homem em troca de um único interesse verdadeiro: o filho-falo” (KEHL, 1996, p. 244).

Alguns paradoxos podem ser destacados no processo edípico para a feminilidade. Neri ⁽⁶⁾ irá destacar a entrada da menina no Complexo de Édipo como um destes paradoxos. Segundo Freud, para que a menina possa afastar-se da mãe, ela deve odiá-la e odiar o feminino descoberto como castrado e inferior em detrimento de um querer ser masculino. Porém, em um segundo momento, esta mesma menina deve identificar-se com esta mesma mãe, após uma separação que foi marcada pelo desprezo e pelo ódio, para tornar-se enfim feminina ⁽⁶⁾.

Kehl ⁽¹⁸⁾ irá afirmar que, se para Freud, a menina deveria abandonar a sua masturbação clitoriana, enquanto atividade masculina, ao efetuar essa troca, ela não teria ganho algum. A autora questiona se a decepção e a inveja do pênis se constituiriam como motivos suficientes para que a menina abandonasse um caminho de prazer já trilhado e se haveriam vantagens na renúncia de todas as outras possibilidades, inclusive estas inscritas em seu corpo, na troca de uma conquista tão longínqua quanto o filho. Se todo representante fálico denunciasse a falta que tenta esconder, o filho, enquanto equivalente ao falo, seria tão decepcionante quanto o pequeno clitóris da menina pré-edípica ⁽¹⁸⁾:

Assim como a fixação à mãe estará sempre mal encoberta pelo amor ao pai e aos outros homens, o gozo vaginal não eliminará necessariamente a via de prazer clitoriana já conhecida; e mais: a aposta na feminilidade, com todas as renúncias que ela exige, não será jamais suficiente para que cada mulher se convença a ser 'só' o que a cultura designou como sendo – uma mulher. (KEHL, 1996, p.257)

Enquanto resultado de observações clínicas, Freud ⁽⁷⁾ destacou que um homem aos seus trinta anos teria aparência de um adolescente, ainda não formado, que em análise seria capaz de fazer uso das suas possibilidades, porém, que uma mulher na mesma idade, lhe produzia certo terror devido a sua rigidez psíquica e imutabilidade. Para ele, era como se a libido desta mulher tivesse assumido posições definitivas que permaneceriam incapazes de serem substituídas por outras e que mesmo em processo terapêutico seriam insuscetíveis à mudança ⁽⁷⁾.

Kehl ⁽¹⁸⁾ ressalta que, na época de Freud, eram inexistentes as opções para a mulher no campo social. Se para Freud a maternidade era a possibilidade de obtenção fálica, para Kehl nada mais era solicitado à mulher desta época a não ser o cuidado do lar e dos filhos. Maternidade e casamento eram, senão, pontos de chegada, os quais nada mais seriam esperado da mulher ⁽¹⁸⁾.

Portanto, quando Freud ⁽⁷⁾ diz que a mulher aos trinta anos pareceria estanque e sem possibilidade libidinal, Kehl ⁽¹⁸⁾ argumenta que esta aparente posição definitiva era a única posição que a mulher poderia ocupar na sociedade vienense da época. A questão para Kehl ⁽¹⁸⁾

não seria a falta de produção das mulheres, mas sim a produção das mulheres ser limitada à produção de filhos, o que impunha a elas falta de figuras/modelos identificatórios, restando apenas a mãe, não enquanto figura feminina, mas enquanto figura maternal à identificação⁽¹⁸⁾.

A figura da mulher da modernidade, enquanto atrelada à maternidade, para Birman⁽¹⁵⁾, era objeto de uma experiência de sacrifício em nome do investimento libidinal no cuidado dos filhos. Esse sacrifício se fez às custas do seu erotismo. Tal sacrifício conduziria as mulheres a um esvaziamento de si, em que estas perderiam qualquer viço e brilho⁽¹⁵⁾.

No século XVIII, o traço de sensualidade e sedução femininos foram negativados em detrimento do ideal maternal. Nesse sentido, Birman⁽¹⁹⁾ destaca que ser mãe e ser mulher eram opostos e que a sensualidade inerente à mulher deveria ser disciplinada para que a figura materna pudesse emergir como equivalente à esposa casta e fiel. Em contrapartida, a mulher que mantivesse o atributo da sedução e do erotismo era considerada como perigosa e correlata à figura da prostituta⁽¹⁹⁾.

Para Kehl⁽¹⁸⁾, se o superego é resultante de introjeções e identificações de objetos amorosos perdidos, as mulheres que tivessem uma rica lista de histórias amorosas, teriam como traço identificatório todo homem que passou por sua vida. Portanto, não seria o penoso caminho edipiano que resultaria na feminilidade da mulher, mas sim suas histórias amorosas da vida adulta. Porém, tal processo é comprometido uma vez que esbarra em pressupostos externos que se expressam através de uma cultura repressiva. Para a autora, não é a lei contra o incesto, traçada pelo recalque do Complexo de Édipo, que influi na sexualidade feminina, mas sim a lei contra o exercício da sua sexualidade, que enquadra a mulher no papel materno-passivo-infantil⁽¹⁸⁾.

Nos séculos XIX e XX mudanças no campo social colocaram em crise as concepções modernas de família e mulher. Com os movimentos feministas e a exigência de igualdade de direitos, a mulher pôde alcançar a sua participação no mercado de trabalho e, com ele, o acesso à educação. Para Àran⁽²⁰⁾ tal movimento instituiu uma crise no modelo nuclear de família e, para Birman⁽¹⁵⁾, permitiu às mulheres o desejo de se realizarem como singularidades e não mais como ‘apenas’ mães. Outra mudança significativa, já na metade do século XX, foi a invenção e a liberação dos métodos contraceptivos que permitiu à mulher a liberdade de escolha levando em consideração “se”, “quando” e “quantos” filhos gostariam de ter^(20,15).

Birman⁽¹⁹⁾ destaca que os discursos freudianos que enunciavam a subjetividade no campo da civilização eram, em certa medida, comentários sobre uma condição do sujeito da modernidade. Freud⁽²¹⁾, mesmo tendo construído uma figura feminina pautada nos

pressupostos da sua época, não deixou de levar em consideração a sociedade e a cultura como grandes agentes influenciadores na mulher que lhe era apresentada, atribuindo à sociedade a responsabilidade pelo desencadeamento das “doenças nervosas” que afligiam às mulheres. Para Kehl, longe de ser um conformista, Freud era alguém que estava imerso nas condições de produção da moral burguesa da época em que viveu e não via estas como passíveis de mudança⁽¹⁸⁾.

Kehl⁽¹⁷⁾ considera ainda que Freud, ao postular a maternidade como destino para a feminilidade, não tinha como prever que toda a estrutura nuclear da família se modificaria, que a maternidade com o tempo se tornaria uma opção e que estas mulheres estanques e destinadas ao lar ocupariam em massa o mercado de trabalho. Durante todas estas modificações sociais também, Kehl⁽¹⁷⁾ afirma que os filhos vêm perdendo o lugar fálico junto às mães e, muitas vezes, a existência de um filho tem sido vivida por mulheres como uma limitação que as impedem de tomar como posse outros atributos fálicos que na contemporaneidade estão ao seu alcance⁽¹⁷⁾.

O que ocorreu com o advento da contemporaneidade e das várias modificações na cultura, é uma incompatibilidade entre o espaço doméstico, o papel maternal e a feminilidade. Para Kehl⁽¹⁷⁾, o espaço doméstico, enquanto único destino da mulher vienense de Freud, é o espaço no qual a sublimação se torna mais difícil. É o espaço doméstico que impede a mulher até mesmo de renunciar ao incesto, uma vez que, quando adulta, a sociedade corrobora com este ao anunciar o pertencimento do filho à mulher, bem como a própria psicanálise, ao colocá-lo como única posse fálica possível, vivido não como uma confirmação da maturidade, mas como um reencontro a uma posse que nunca foi renunciada, mas somente adiada⁽¹⁷⁾.

Com os deslocamentos sociais, novas possibilidades de inscrição no campo do desejo foram conquistadas e permitidas à mulher, porém, estas não configuram horror à maternidade. Para Birman⁽¹⁹⁾, no campo social da atualidade, o que está sendo colocado em jogo é a positividade do desejo da mulher que pode incidir ou não na maternidade. Assim, a contemporaneidade permite contrapor a equivalência descrita por Freud entre maternidade e feminilidade e o ser mãe não se configura mais como uma condição “par excellence” para a mulher. Desta maneira, ser femininamente mulher não se caracteriza mais a partir da obrigatoriedade de ser mãe, mas sim através do desejo singular de cada mulher que pode optar em ser mulher passando ou não pelas “dores e delícias da maternidade” (BIRMAN, 1999, p.94).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos deslocamentos da mulher no campo social, o tema da feminilidade passa a invadir as ciências humanas, sociais e políticas, avançando assim nas reflexões acerca da sexualidade, partindo de um pressuposto crítico ao modelo essencialista do século XVIII. Se estes deslocamentos estão evidentes na atualidade e se as críticas e mudanças sociais fazem fundo à constituição do sujeito e o seu modo de se colocar no mundo e de se identificar com este, a psicanálise é convocada a discutir as novas configurações que se apresentam ⁽¹⁾.

Para Kehl ⁽¹⁷⁾, se as normas sociais mudam, os ideais e os campos de identificações mudarão como consequência e com eles mudam também os sintomas que tentam dar conta do interdito e do recalque do desejo. Deve ser levado em consideração que, desde a “invenção da psicanálise”, o lugar social que fora reservado às mulheres tem sofrido várias alterações e, desde as conquistas feministas que permitiram à mulher uma atuação mais ampla na sociedade, houve um deslocamento desta posição feminina que Freud fez questão de descrever ⁽¹⁷⁾.

Ao falar sobre a feminilidade em Freud, não é a sua visão de feminino que está sendo colocada em xeque, uma vez que o seu trabalho partiu de pressupostos aos quais tinha acesso. Se a maternidade era considerada por ele tal qual um fim para a feminilidade, era porque a sua cultura impunha que assim fosse, são nos dados da realidade que estes pressupostos foram obtidos ⁽¹⁷⁾.

Para Kehl ⁽¹⁷⁾ as mulheres que procuram a clínica psicanalítica na contemporaneidade, já não são as mesmas que procuravam Freud no final do século XIX, o que convida a teoria psicanalítica a se tornar plástica o suficiente para acompanhar, compreender e se deslocar junto com essas mudanças. Mudam-se os significantes, mudam-se os sujeitos, muda-se a sociedade e, para a autora, caso a psicanálise não se desloque em conjunto com estas mudanças, ela deixará de fazer sentido. “A psicanálise nasceu para dar voz ao emergente e não para corroborar a tradição” (KEHL, 1996, p. 317).

É não somente frente aos deslocamentos do feminino, mas também aos do masculino, da sociedade, e porque não, da psicanálise, que a demanda de pesquisa sobre o objetivo proposto ainda permanece em aberto necessitando de debates e discussões posteriores, com a certeza de que, assim como a própria psicanálise nos ensina, e assim como cita Kehl ⁽¹⁷⁾, cada barreira removida abrirá espaço para um novo campo minado de desconhecimento ⁽¹⁷⁾.

A feminilidade enquanto resultado das renúncias edípicas e correspondentes à maternidade, já não pode mais ser pensada como única resolução edípica ideal. Que a

maternidade ainda seja supervalorizada pela cultura e que muitas mulheres encontrem nela a sensação de completude em detrimento de sua falta fálica, é inquestionável. Porém, com as conquistas do espaço público e do direito ao desejo para além do espaço privado, do lar e da maternidade, as mulheres encontram inúmeras possibilidades fálicas na contemporaneidade. Se antes, boa dose de prazer deveria ser renunciada para o exercício do seu destino maternal, hoje estas não se fazem mais obrigatórias.

É necessário considerar que, assim como Freud, durante todo o seu processo de construção do método, da teoria e da prática admitiu erros e os reformulava à medida que considerava necessário, não se pode deixar que se estanque o que se entende, psicanaliticamente, como feminilidade e como premissas do feminino, mas que se transforme e se transcenda, não somente acompanhando, mas também promovendo mudanças que permitam ao sujeito mais e novas possibilidades de deslocar o seu desejo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 Àran M. Feminilidade, entre psicanálise e cultura: esboços de um conceito. *PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva* [periódico na Internet]. 2000 [acesso em 2016 out 04];10(01): 169-195. Disponível em: <http://www.scielo.org/pdf/physis/v10n1/a08.pdf>
- 2 Lacan J. (1955). *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 402-38.
- 3 Freud S. (1931). Sexualidade feminina. In: FREUD, S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standart brasileira*, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- 4 Freud S. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: Freud S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standart brasileira*, vol. VII. Rio de Janeiro: Imago; 1996.
5. Freud S. (1895). Estudos sobre a histeria. In: Freud S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standart brasileira*, vol. II. Rio de Janeiro: Imago; 1996.
- 6 Neri R. *A psicanálise e o feminino: um horizonte da modernidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; 2005.
- 7 Freud S. (1933). Conferência XXXIII: Feminilidade. In: Freud S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standart brasileira*, vol. XXII. Rio de Janeiro: Imago; 1996.
- 8 Freud S. (1897a). Rascunho N. In: Freud S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standart brasileira*, vol. I. Rio de Janeiro: Imago; 1996.

- 9 Freud S. (1897b). Carta 64. In: Freud S. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standart brasileira, vol. I. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- 10 Sófocles. (427 a. C.). Édipo Rei. Tradução de Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM editores (Coleção L&PM Pocket); 1998.
- 11 Freud S. (1925). Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. In: Freud S. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standart brasileira, vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago; 1996.
- 12 Freud S. (1923). A Organização Genital Infantil (Uma interpolação na teoria da sexualidade). In: Freud S. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standart brasileira, vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago; 1996.
- 13 Freud S. (1924). Dissolução do complexo de Édipo. In: Freud S. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standart brasileira, vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago; 1996.
- 14 Nunes SA. O corpo do diabo entre a cruz e a caldeirinha: um estudo sobre a mulher, o masoquismo e a feminilidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; 2000.
- 15 Birman J. Laços e desenlaces na contemporaneidade. *Jornal de psicanálise* [periódico na Internet]. 2007 [acesso em 2016 nov 11]; 40 (72):47-62. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/jp/v40n72/v40n72a04.pdf>
- 16 Nunes SA. Afinal, o que querem as mulheres? *Maternidade e mal-estar. Psicol. Clin.* [periódico na Internet]. 2011 [acesso em 2016 nov 11]; 23(2):101-15. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652011000200007
- 17 Kehl MR. A mínima diferença: masculino e feminino na cultura. Rio de Janeiro: Imago; 1996.
- 18 Kehl MR. Deslocamentos do feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade. Rio de Janeiro: Imago; 1998.
- 19 Birman, J. *Cartografias do feminino*. São Paulo: Editoria 34; 1999.
- 20 Àran M. Os destinos da diferença sexual na cultura contemporânea. *Estud. Fem.* [periódico na Internet]. 2003 [acesso em 2016 nov 11]; 11(2):399-422. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v11n2/19129.pdf>
- 21 Freud S. (1908). Moral sexual ‘civilizada’ e doença nervosa moderna. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standart brasileira, vol. IX. Rio de Janeiro: Imago; 1996.